

II – Museus e coleções etnográficas: experiências compartilhadas e novos debates

Tempo de beija-flores: cinquenta anos do Museu Antropológico da UFG e seus desafios

Manuel Ferreira Lima Filho

ALGUMA INSPIRAÇÃO...

Estava entardecendo quando a luz do sol rebatida nos flamboyants floridos da Praça Universitária em Goiânia e no mosaico multiverde das árvores, entre elas as espécies do jardim do Museu Antropológico (MA) da Universidade Federal de Goiás (UFG) que eu estava a cuidar; um beija-flor chegou bem perto, olhou, contemplou e saiu. No museu há vários pássaros que iremos catalogar, mas eu nunca havia visto assim tão de perto um beija-flor no nosso jardim.

Pesquisador dos mitos e do lugar dos animais, de modo especial dos pássaros na mitologia e cosmologia indígena, em particular dos Iny-Karajá do rio Araguaia, parceiros primeiros do museu, fiquei pensando sobre o significado daquela visita inesperada do pequeno beija-flor.

O beija-flor faz parte da narrativa de Elizete Antunes Guarani, da aldeia Maciambu, Palhaça, Santa Catarina, que escreveu um Trabalho Final de Curso de Licenciatura Indígena do Sul da Mata Atlântica na Universidade Federal de Santa Catarina:

No início era tudo escuro, não tinham nem animais, muito menos humanos. De repente, surge uma faísca vinda de muito longe. E essa faísca se transforma no ser que conhecemos como o criador de tudo, Nhanderu Ete. Nhanderu não tem umbigo, ele se criou por si só. Depois de ter se transformado em um ser, começou sua linda forma de criação, ele pensava e as coisas surgiam. No início ele criou o bastão. Em seguida, na ponta do bastão, uma flor, em seguida surge o beija-flor voando e pairando sobre as águas. Quando o beija-flor com suas asas tocou na água e a água tocou no fogo começou a formar a terra. Nhanderu começou a arrumar e a criar tudo com seu bastão e com ele estava seu ajudante que era o Mainó'i, o beija-flor, ajudando o tempo todo, e,

quando Nhanderu já tinha feito quase tudo na terra, inclusive as plantas com muitas flores, Nhanderu decidiu descansar, mas ele estava sentindo sede e pediu para o beija-flor trazer água. O beija-flor saiu para pegar a água, mas pensou: “Nhanderu não pode tomar dessa água”, foi então que ele começou a pegar com seu bico o néctar das flores, pegava e levava e colocava na boca de Nhanderu para que pudesse matar sede (ANTUNES, 2015).

Foi assim que tudo começou, acrescenta Elisete Guarani. Hoje, quando vemos um beija-flor que vem até as nossas casas, ficamos felizes porque sabemos que boas novas hão de vir. Também na espiritualidade Guarani o beija-flor tem o símbolo de arandu, sabedoria, pois ele é rápido e veloz, e faz suas funções sem errar, com muita agilidade. Assim como se fosse o nosso próprio pensamento.

Da Mata Atlântica brasileira vamos até Vancouver, Canadá, onde encontra-se o Museum of Anthropology of University of British Columbia, que é parceiro conveniado da Universidade Federal de Goiás/Museu Antropológico, e que tem o antropólogo Nuno Porto como interlocutor institucional. Vejamos o lugar do beija-flor num dos mitos dos indígenas da região, os Haida:

Começou um grande incêndio na floresta. E todos os animais corriam apavorados por terra e todos os pássaros começaram a voar para um lugar mais seguro exceto um – o beija-flor. Ele começou a pegar em seu bico gotas de água de um lago próximo e passou incansavelmente a jogar nas labaredas do grande incêndio. O beija-flor ia e voltava, ia e voltava, ia e voltava. Os animais alertavam o beija-flor sobre o perigo das chamas. O urso perguntou ao beija-flor o que ele estava fazendo, e sem parar ele disse: – Eu estou fazendo o que eu posso fazer¹.

Fazer o que podemos fazer em tempos de incêndios! Pensar, planejar e executar. Apresento neste texto a minha experiência como gestor e pesqui-

1 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=naj6zZakgEg>>. Acesso em: 16 jul. 2021 (tradução livre).

sador de um museu universitário no Brasil, inspirado aqui pela mensagem que o pequeno beija-flor veio me dizer naquele entardecer. Persistência, espírito colaborativo, aprendizado, realizações, mas também festejar a alegria das cores e da vida como no Jardim das Descobertas, o primeiro módulo da Exposição Redes Saberes e Ocupações – 50 anos do Museu Antropológico/UFG.

Jardim das Descobertas do MA/UFG com detalhes do sítio arqueológico simulado e identificação das espécies botânicas.



Foto: Rossana Klippel (16/12/2020).

No Brasil, em tempos tão difíceis como estamos passando, pelos equívocos de desconstrução de políticas consolidadas e construídas com saberes acumulados por anos de investimento no campo da cultura, dos museus, do meio ambiente, da ciência e da seriedade científica, reconhecida inter-

nacionalmente, da nossa antropologia brasileira, o beija-flor vem nos dizer: não desistam, persistam, construam.

Aprendamos com os incêndios de fato do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais; com os desastres ambientais ceifando vidas como Brumadinho (MG) e Mariana (MG), ou com as atitudes etnocêntricas que frequentemente temos visto a respeito das sociedades indígenas, das comunidades afro-brasileiras, da diversidade cultural, de gênero e religião, contra o direito à saúde e vida cidadã de todo/a brasileiro/a.

Respeito negligenciado a tantas vidas afligidas por essa pandemia de covid-19 entre tantas que se foram sem um simples beijo de despedida, como familiares, amigos, professores, como a parceira de pesquisa de tantos anos Maria do Socorro Pimentel da Silva, e os interlocutores de longa data de construção de conhecimento compartilhado Isariri Karajá, Hacary Karajá e as duas grandes mestras ceramistas Komantira Karajá e Koaxiro Karajá.

Tempos de saudades! Tempos de incêndios! Todavia, o Museu Antropológico/UFG segue como uma casa de ciência, de resistência; é um lugar de partilha e extroversão de conhecimento e de cidadania. Projeto institucional público que começou alguns anos atrás.

EM BUSCA DAS IDENTIDADES REGIONAIS: MATERIALIDADES PATRIMONIAIS E ENSAIOS MUSEAIS

O Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás foi criado em 1969 com o objetivo de apoiar e desenvolver pesquisa e ensino antropológico na perspectiva interdisciplinar e com o intuito de salvaguardar acervos dos grupos étnicos e sociais de Goiás e região².

Inaugurado no ano de 1970, funcionou primeiro na Faculdade de Educação e em 1971 na Escola de Enfermagem. Em 1978 deslocou-se para o antigo prédio do Instituto de Artes no Lago das Rosas, no Setor Oeste, e nos anos

2 Ver ofício do Departamento de Antropologia e Sociologia da UFG (1969).

1990 mudou-se para a Praça Universitária, expandindo e desenvolvendo inúmeros projetos de pesquisa nas áreas de antropologia social, arqueologia, etnologia indígena, etnolinguística, história, museologia, direitos humanos, entre outras, o que consolidou o museu como instituição de referência de pesquisa, ensino e extensão. Nei Clara de Lima detalha:

O Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás foi fundado [...] com professores do Departamento de Antropologia e Sociologia (DAS) do então Instituto de Ciências Humanas e Letras da UFG. Visando à pesquisa e à coleta de peças indígenas e registro de manifestações folclóricas, alguns de seus professores realizaram, em 1972, incursões de campo nas seguintes localidades: Parque Nacional do Xingu, Colônia Indígena de São Marcos, Colônia Indígena Meruri, no Mato Grosso; Ilha do Bananal, Jaupaci, Hidrolândia, Cidade de Goiás, Mara Rosa, Orizona e Inhumas, em Goiás. Os trabalhos pioneiros de Arqueologia tiveram início nestas incursões. Em 1975, professores e pesquisadores dos Departamentos de Antropologia e Sociologia, Geografia, Geologia e Química da UFG, em convênio firmado com a Universidade de São Paulo, iniciaram o “Projeto Arqueológico Anhanguera Estado de Goiás”, coordenado por Margarida Davina Andreatta do Museu Paulista. Também no ano de 1972, o Departamento de Antropologia e Sociologia publicou A Carta Arqueológica – Divisão Regional para Cadastramento de Sítios Arqueológicos do Estado de Goiás, aprovada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e a Divisão Regional para o Estudo e Defesa do Folclore no Estado de Goiás cujo texto contou com a aprovação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Uma pesquisa sobre as técnicas de tecelagem artesanal, realizada de 1972 a 1977, constituiu uma coleção de objetos – instrumentos de trabalho, desenhos de padrões gráficos, tecidos etc. – dos modos de fazer tecidos artesanais, dando início à diversificação das coleções do Museu Antropológico para além de suas coleções de objetos indígenas (LIMA, 2014, p. 227).

No ano de 2008 o Museu Antropológico apoiou institucionalmente a criação do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, tendo sido a sua primeira sede.

No ano seguinte, a criação do curso de bacharelado em Museologia contribuiu para expandir a relação institucional com o ensino da graduação por meio da integração de atividades com a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás. A proatividade do museu como órgão de produção e divulgação de pesquisa com direta relação com a sociedade foi ao longo dos anos produzindo registros documentais tais como: documentos textuais (manuscritos ou impressos), iconográficos (fotografias, gravuras e desenhos) e cartográficos, produzidos e acumulados no desenvolvimento de atividades de pesquisas, expositivas, ações educativas e registros audiovisuais. Esses conjuntos documentais formam o acervo arquivístico de valor administrativo, histórico-probatório e científico do Museu Antropológico e fazem parte do Fundo Arquivístico da UFG. Esse acervo tem importância ímpar, por serem registros probatórios sobre a fundação e desenvolvimento do campo antropológico e museológico e seus campos de atuação no Centro-Oeste e de políticas públicas relacionadas com o tema da nação/região/sertão, como a Marcha para o Oeste e a Fundação Brasil Central; estudos das sociedades indígenas nas regiões etnográficas das bacias do rio Araguaia, Tocantins e Xingu; bem como uma considerável produção sobre a cultura material, estudo de sociedades indígenas, com destaque para suas línguas nativas, comunidades rurais e quilombolas e estudos das culturas populares, entre outros registros representativos da história, da memória institucional e da região Centro-Oeste.³

Assim em seus 50 anos de história institucional e de produção de conhecimento no campo da antropologia de modo especial da etnologia indígena, da cultura popular, da arqueologia, da museologia e interfaces, o Museu Antropológico formou e possui hoje um considerável patrimônio museológico.

O patrimônio museológico do MA/UFG, a proatividade de seu conjunto de técnicos e pesquisadores associados e como órgão de produção e di-

3 LIMA FILHO *et al.* *Memória Documental do Museu Antropológico/UFG - 50 anos de produção de conhecimento*. Projeto de extensão. Goiânia: PROEC/UFG, 2018.

vulgação de pesquisa com direta relação com a sociedade foi ao longo dos anos produzindo registros documentais. Como resultado desse conjunto de ações acima descritas formou-se um rico acervo na instituição, que é composto por aproximadamente 200 mil peças arqueológicas, seis mil artefatos etnográficos e oito mil documentos, incluindo fotografias e mapas⁴. O acervo documental do Museu Antropológico é alvo permanente de pesquisadores e discentes da UFG, de instituições nacionais e internacionais, assim como de interesse da comunidade em geral. Compõe ainda o patrimônio museológico do MA a biblioteca Edna Luísa de Melo Taveira, que reúne aproximadamente cinco mil exemplares relacionados com as áreas da antropologia, arqueologia, sociologia e história, sendo alguns volumes raros e estrangeiros. Desse modo, o conjunto de vetores patrimoniais que compõem o patrimônio museológico do MA está em consonância, num primeiro momento, com a definição de museu pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) no ano de 2007:

o museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, e que realiza pesquisas sobre os testemunhos materiais do homem e seu meio, que ele adquire, conserva, investiga, comunica e expõe, com fins de estudo, educação e deleite (ICOM, 2007 *apud* DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 65).

Contudo, é preciso somar a noção de museu com a de patrimônio cultural e seu caráter de poder simbólico que passam a exercer nas relações sociais⁵ e suas representações:

[...] a figura do museu como instância cultural competente – competência como exercício do poder simbólico no sentido emprestado por Bourdieu

4 Ver: <<https://acervo.museu.ufg.br/>>.

5 Nesse sentido, a rica trajetória de ações e reflexões epistemológicas da experiência do MA/UFG enquanto uma instituição museológica pública universitária e inclusiva tem ressonância no debate que vem sendo realizado na nova conceituação de museu pelo ICOM, a ser definido em sua assembleia geral no ano de 2022.

(1989) – portanto, socialmente legitimada para preservar e custodiar o Patrimônio, na medida em que o termo passou a consignar sentido de bem público, transferindo o ‘bem’ que já havia adquirido o status de patrimonializado à esfera dos imperativos e das ocupações do museu; assumindo, por este modo, outro caráter institucionalizado: o museológico. [...] O desejo por preservar extrapola a forma física do objeto, do território ou do exemplar patrimonializado. Preserva-se pelo interesse que suscita a representação culturalmente construída que tais signos-significações encerram e que é gerada no extrato da intangibilidade. A representação do imaterial, evidenciada nos traços mnésicos culturalmente construídos, estabelece os liames da contextualização como moldura para a imagem concreta, tangível, materializada do bem e instala-se como elemento interpretativo à forma cultural a ser estudada e salvaguardada (LIMA, 2012, p. 35 e 40).

Diante desse amplo quadro de representação do objeto musealizado e seus múltiplos campos de significação e de sentidos destaco quatro importantes fatos que exemplificam o protagonismo do Museu Antropológico ao longo da sua história: publicação no ano de 1972 da Carta Arqueológica de Goiás (MELO; BREDÁ, 1973); o primeiro encontro de museus universitários do Brasil (1992); a exposição lavras e louvores, construída a partir da reflexão antropológica nas noções de sertão e região protagonizadas pelas curadoras Nei Clara de Lima e Selma Custódia Senna, inaugurada em 2006 (LIMA, 2016) e o Projeto Bonecas Karajá: arte, memória e identidade indígena no Araguaia (2009/2012) com apoio do IPHAN, que resultou no dossiê de registro das bonecas Karajá (LIMA FILHO *et al.*, 2011) como patrimônio imaterial brasileiro em 2012 e, por conseguinte, no projeto de salvaguarda, em 2015, do referido bem patrimonializado.

Abertura do I Encontro Nacional de Museu Universitário (1992) - MA/UFG/Goiânia (GO) no Jôquei Clube de Goiás, Magali Cabral, Edna Taveira, Regina Márcia Moura Tavares (Dir. MA. PUCAMP), Hérman Crespo Toval (Ex-membro UNESCO).



Fonte: Acervo do MA/UFG.

A decoração da cerâmica por Koaxiro. Acervo do projeto Bonecas Karajá: arte memória e identidade indígena no Araguaia. MA/UFG-IPHAN.



Foto: Nei Clara de Lima.

Com relação aos grupos indígenas representados nas reservas etnográficas do MA⁶, penso que a experiência já de anos com os Iny-Karajá pode exemplificar a construção coletiva de valorização do patrimônio imaterial dos grupos parceiros do museu, como a publicação coletiva a respeito da salvaguarda do modo de fazer as bonecas de cerâmica organizado pelas antropólogas Nei Clara de Lima e Rosani Moreira Leitão (2019) em parceria com o MA/UFG e o IPHAN.



425

Como representante dos coletivos sociais que também têm uma trajetória histórica de parceria com o museu cito os coletivos do hip hop em Goiânia.

O hip hop que, no contexto goiano, emergiu na década de 1980 está diretamente conectado com o movimento negro e se apresenta como uma expressão cultural de resistência de uma população marginalizada em busca de uma transformação da realidade pela valorização da memória social, como refletiu Giovanna Santos (2019).

A primeira experiência de hip hop no Museu Antropológico foi registrada em 16 de maio de 2017 e se configurou como “batalhas”, explicadas ao antropólogo Adelino Carvalho (2018) por um protagonista do hip hop, Wilton Escanfandrista, no ano de 2017:

O evento é uma ocupação urbana artística através do rap e da poesia, que tem como objetivo o empoderamento e emancipação da população da grande Goiânia em situação de vulnerabilidade, usando a rima como ferramenta de diálogo com a comunidade goiana ressaltando o hip hop como um movimento de resistência que representa uma força contra o levante do discurso de ódio dentro da nossa sociedade. O som é montado no pátio do museu a partir das 18h e às 19h se iniciam as batalhas e entre elas acontecem duas pausas para duas ou mais apresentações curtas. Os MCs participantes são premiados com livros literários. A batalha de rima consiste em um duelo de conhecimentos gerais em rimas e métricas dentro da batida proposta pelo DJ e pode acontecer de duas formas: 30 segundos e réplica contando um assalto, ou bate e volta de quatro versos em sequência onde os MCs revezam o microfone a cada quatro versos. Lembrando que a batalha tem 3 assaltos e para que não haja empate, conta com a presença de juízes que analisam as rimas, as técnicas utilizadas pelo MC e o público também tem direito a voto de desempate, caso necessário (*apud* CARVALHO, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abertura dialógica do Museu Antropológico/UFG tem nos mostrado que o museu é uma arena política potente para a fruição cultural e a emer-

gência das identidades diversas que configuram a sociedade goianiense, goiana e brasileira. Sua função pública é colaborar na formação de profissionais por meio das ações transversais de ensino, pesquisa e extensão. O museu é uma arena política para acolher pessoas de variadas trajetórias pessoais, coletivas, sociais e étnicas, e local onde podem exercer a reflexão cultural sobre seus pertences culturais e patrimoniais. O museu é uma arena política de resistência do povo brasileiro para salvaguardar suas histórias, memórias e identidades. Lugar de acolhida e transformação para beija-flores multicores.

São vários beija-flores que chegam no dia a dia do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás ensinando-nos a ser pacientes, inclusivos, persistentes, corajosos, transformadores e admiradores da beleza da vida.

Foram várias exposições, projetos de pesquisas no campo da etnologia indígena, arqueologia, museologia e áreas correlatas. Foram milhares de pessoas que adentraram o museu e deixaram suas impressões. São pesquisadores nacionais e internacionais que fazem da nossa documentação fonte de produção de conhecimento. Casa de acolhida de jovens estagiários de vários cursos da graduação e pós-graduação que exercem a iniciação científica e profissional. É uma casa da população de Goiânia e do Brasil, mantida com financiamento público e algumas parcerias público-privadas. É uma casa onde as culturas se encontram e se respeitam. É uma casa da ciência para ser constantemente ocupada. Que assim seja nos próximos anos. Que o Museu Antropológico da UFG possa exercer sua função plena de ser um museu universitário com um corpo de recursos humanos qualificados; um museu público e reflexo de expressões da vida, com suas lavras, louvores, redes, ocupações e saberes.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Elizete. *História e mito na educação Guarani*. TCC (Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CARVALHO, Adelino Adilson. *Compreendendo as relações do Museu Antropológico da UFG com seus públicos*. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiânia, 2018.

DEL-MASSO, Maria Candida Soares *et al.* Interdisciplinaridade em extensão universitária. *Revista ciência em extensão*, UNESP, v. 3, n. 3, 2017.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Museu. In: DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus/ Pinacoteca do Estado, 2013.

ICOM. *Code of Ethics*. Disponível em: <<http://icom.museum/professional-standards/code-of-ethics/>>. Acesso em: 11 maio 2018.

LIMA FILHO *et al.* *Memória documental do Museu Antropológico/UFG – 50 anos de produção de conhecimento*. Projeto de extensão. Goiânia: PROEC/UFG, 2018.

LIMA FILHO *et al.* *Patrimônio museológico: salvaguarda, produção e divulgação científica do Museu Antropológico da UFG*. Goiânia: PROEC/UFG, 2018.

LIMA FILHO, Manuel F. *et al.* *Plano de gestão do Museu Antropológico (MA-UFG)*. Goiânia: UFG, 2018.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira *et al.* *Bonecas Karajá: arte, memória e identidade indígena no Araguaia – dossiê descritivo do modo de fazer ritxoko*. Goiânia: UFG/Museu Antropológico, 2011.

LIMA FILHO, Manuel Regina; ABREU, Regina; ATHIAS, Renato. *Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas*. Recife: Editora UFPE, 2016. 290 p.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-Museu e patrimônio, patrimonialização e musealização: ambiência de comunhão. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 7, n. 1, p. 31-50, jan./abr. 2012.

LIMA, Nei Clara de. Pensando retóricas expositivas no Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). In: LIMA FILHO, Manuel F.; ABREU, Regina; ATHIAS, Renato (org.). *Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas*. Recife: Editora UFPE, 2016.

LIMA, Nei Clara de. Percursos da antropologia em Goiás. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 225-231, jul./dez. 2014.

LIMA, Nei Clara; LEITÃO, Rosani Moreira *et al.* *Projeto Bonecas de cerâmica Karajá como patrimônio cultural do Brasil: contribuições para a sua salvaguarda*. Goiânia: MA/UFG/IPHAN, 2015.

LIMA, Nei Clara; LEITÃO, Rosani Moreira *et al.* *Arte Iny Karajá patrimônio Cultural do Brasil*. Goiânia: MA/UFG/IPHAN, 2019.

MELO, Edna T. de; BREDÁ, Judite Ivanir. Carta Arqueológica de Goiás: divisão regional para cadastramento de sítios arqueológicos do estado de Goiás. *Revista de História da USP*, v. 46, n. 94, 1973.

SANTOS, Giovana Silveira. *O hip hop na cidade de Goiânia: perspectivas museológicas*. In: 4º SEBRAMUS – Seminário Brasileiro de Museologia. Brasília: 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. *Ofício de 16 de setembro de 1969*. Departamento de Antropologia e Sociologia. Goiânia: UFG, 1969.